

A Cidade do Sol: Panopticon, Synopticon e Omnipticon – Big Brother e o Gigante com Mil Olhos

A perda de liberdade é inimiga de todas as formas de literatura... O fato é que certos temas não podem ser celebrados com palavras, e a tirania é um deles. Ninguém jamais escreveu um bom livro de elogio à Inquisição.

George Orwell

Aquilo que se convencionou como *visão paradigmática* do mundo e do poder emergiu com uma estrutura lógica que terá conhecido o seu momento de maior esplendor entre os séculos XV e XX – quando aconteceu o gradual domínio de uma lógica verbal, brilhantemente captada pela física como *mecânica*.

É quando o Universo *livro*, defendido por Bacon, passa a ser descrito como um perfeito mecanismo de relojoaria.

Seguramente, uma das mais curiosas e fascinantes obras que ilustram esse fenômeno – especialmente em relação à vigilância – é o livro *Civitas Solis*, ou *A Cidade do Sol*, de Tomaso Campanella, originalmente escrito em 1602.

Nele, Campanella mostra a cidade ideal, onde reina a paz e o amor, feita de *múltiplas circunferências*, dirigida por três chefes. O primeiro, o *Poder*, cuida da vigilância. O segundo, o *Saber*, que é a informação, obriga todas as artes, ciências e escolas. O terceiro, o *Amor*, dirige a reprodução humana, estabelecendo critérios de seleção, tais como a cor dos olhos, a estatura ou a cor dos cabelos, por exemplo.

Na imaginária Cidade do Sol, ninguém pode ser proprietário de coisa alguma porque,

explica Campanella, «o amor à coisa pública aumenta segundo o grau de renúncia ao interesse particular». Assim, ninguém pode receber favores particulares.

A música é permitida apenas às mulheres e, às vezes, também às crianças. As oficinas são dirigidas por velhos, homens e mulheres, que castigam ou fazem castigar aqueles que não os obedecem. Os jovens são obrigados a servir os que têm mais de quarenta anos de idade. É proibido fazer qualquer ruído durante as refeições.

Os médicos comandam os cozinheiros sobre o que podem ou não fazer. O sexo apenas é permitido às mulheres com mais de dezenove anos e aos homens com mais de vinte e um. As relações para aqueles que tivessem ultrapassado as idades limite eram reguladas pelo médico chefe.

Até mesmo os nomes daqueles que nasciam eram determinados pelo diretor geral. Todas as pessoas, nessa cidade imaginária, eram obrigadas a

Campanella e o edifício ideal de Bentham, que permitiria uma sociedade igualmente ideal, são flagrantes.

Embora o *Panopticon* seja quase sempre tomado como o projeto da prisão ideal ele era, originalmente, bem mais do que isso.

Na sua proposta, Bentham chama o *Panopticon* de *Casa-de-Inspeção* – um conceito de arquitetura aplicável a penitenciárias, mas igualmente à habitação social, fábricas, hospitais, hospícios e escolas entre outros.

Quando se refere ao *Panopticon* na sua primeira carta, Bentham diz se tratar de «uma nova forma de obter poder da mente sobre a mente».

Na segunda carta, ele dá uma descrição detalhada do conceito arquitetônico, não apenas evidenciando as relações com a cidade de Campanella como estabelecendo ligações lógicas com a técnica da perspectiva plana, tornando tudo

controlado pela luz:

«O edifício é circular. Os apartamentos dos prisioneiros ocupam a circunferência. Pode-se chama-los, se preferir, de *celas*. Essas celas são isoladas uma da outra e os prisioneiros são assim excluídos de toda a comunicação entre eles por *divisórias* na forma de raios indo da circunferência ao centro, e estendendo tantos metros quantos necessários para formar a maior dimensão da cela. O apartamento do inspetor ocupa o centro; pode-se chama-lo, se preferir, a *casa do inspetor*. Será bastante conveniente, senão em todos os casos, ter um espaço ou área vazia em todo o círculo, entre tal centro e tal circunferência. Pode-se chama-lo, se preferir, a área *intermediária* ou *anular*. (...) Cada cela tem na sua parte externa da circunferência uma janela grande o suficiente não apenas para iluminar a cela mas para, através da cela, fornecer luz suficiente para a arte correspondente da casa do inspetor. A circunferência interna da cela é formada por uma grade de ferro, de forma que a luz não esconderá qualquer parte da cela da visão

Toth foi o deus da escrita, da literatura, aquele que tornou possível a existência de todos os outros deuses, pois é ele quem permite a emergência da *história*.

É a história – que no Hermes grego significa a função de guia do pensamento, da psique – o que elimina o monstro que vê tudo, sem ser visto, manifestação avassaladora do poder, do controle.

A palavra *Argo* significa, etimologicamente, “brilhante” e “rápido”. Quando nos questionamos sobre qual seria, em termos lógicos, os universos sensoriais que implicam como sua natureza primeira o controle absoluto, sem defesa possível, a passagem de informação sem barreiras, eles são a audição e o olfato.

Podemos fechar os olhos, não tocar e não comer. Mas, com o olfato e a audição, não há barreiras. Entramos num ambiente e sentimos, inevitavelmente, as suas fragrâncias e o seu som.

Cada espaço possui um som.

Por isso, a audição e o olfato são referências primeiras de todo o poder, de todo o controle.

Assim, nas culturas não-visuais, fortemente acústicas, tudo deve ser controlado, a todo o tempo. Aquilo que emerge como o conceito de liberdade na independência de decisões, livres de controle, surge com o estabelecimento de uma cultura mais fortemente literária e histórica.

É ela que *mata* o gigante Argo Panoptes, mas é também ela que sucumbe ao mesmo monstro que tudo controla quando a paleta sensorial é alterada no final do século XX e início do XXI através dos meios virtuais.

Se Campanella retrata a *Cidade do Sol* como sendo a cidade perfeita na forma de uma prisão; é a prisão de Bentham que aspira ser tudo, condicionar e forjar uma sociedade perfeita.

de telecomunicação por cada pessoa a ser espionada. Com o argumento de que esses preços evitariam a explosão de custos nos serviços de telecomunicação – dada a gigantesca quantidade de escutas realizadas – a França estabeleceu o livre comércio da espionagem.

Na China, a maior parte dos setenta mil táxis em Pequim estão equipados com sistemas de escuta e localizadores GPS, permitindo uma contínua espionagem e a imediata localização dos veículos.

Há muito é conhecido o fato da máfia e de outras organizações criminosas italianas estabelecerem uma estratégia de escuta que, em certo sentido, é muito semelhante às realizadas pelos governos da França e da China entre tantos outros.

A Pacific Northwest National Laboratory anunciou ter desenvolvido um sistema de visualização que opera um pequeno espectro de

sistema de Reconhecimento Automático de Número de Matrículas. Ele participa regularmente em demonstrações anti-guerra no lado de fora de uma fábrica em Brighton, sua cidade natal. Num desses protestos a polícia de Sussex colocou um “marcador” no seu automóvel. Isso significa que ele foi colocado numa “lista negra”. Trata-se de uma sistema destinado a criminosos mas John Catt jamais foi condenado por qualquer coisa e numa viagem a Londres o pensionista se encontrou detido por uma unidade anti-terrorismo. “Fui ameaçado sob o *Terrorist Act*. Tive de responder a todas as questões que eles me colocavam, e se houvesse qualquer questão que eu me recusasse a responder, eu seria encarcerado. Pensei comigo mesmo, em que tipo de mundo estamos a viver?”. A polícia de Sussex não fala sobre o caso».

Na Sociedade *Low Power* não se conhece a pessoa, mas apenas o dado estatístico. Assim, na quase generalidade dos casos, a polícia de trânsito abandonou o seu antigo papel educativo e passou a trabalhar praticamente para o faturamento com

objetivo de aumento das receitas do Estado. Em muitos casos, os policiais passaram a receber uma comissão sobre os valores arrecadados – como também passou a acontecer com boa parte dos funcionários públicos.

Uma notícia de junho de 2009 ilustra com clareza o fenômeno: um automóvel utilitário estava mal estacionado sob um viaduto na cidade de Nova York. Repetidamente, durante várias semanas, os agentes da polícia de trânsito multaram o infrator. Mas, ele estava morto! Durante semanas, nenhum policial sequer reparou que havia uma pessoa morta dentro do veículo. Era George Morales, que faleceu vítima de um ataque cardíaco. Mesmo com um forte odor do corpo em putrefação, ele apenas foi descoberto quando o automóvel foi rebocado. Durante semanas, os vários policiais que lá passaram tinham uma única função: arrecadar dinheiro através de multas. Para eles, o cidadão, o ser humano, não era o objetivo principal.

Apenas um mês antes, em maio de 2009,

a *BBC* denunciava a existência de um sistema de vigilância e de uma base de dados de ADN – então com informação genética de quase cinco milhões de pessoas – controlados pelas autoridades britânicas.

Os sistemas de vigilância na Grã Bretanha já eram tão desenvolvidos e refinados que possuíam até mesmo pequenos objetos voadores de captação de imagem e de som, conhecidos como *robots* aéreos, remotamente comandados por computadores: «Aviões de controle remoto para vigilância foram usados pela primeira vez pela polícia em 2008. Esses pequenos aviões são muito leves, pesando cerca de um quilo e meio, relativamente silenciosos, alimentados por bateria, podem levar diferentes câmeras e são controlados à distância. Eles podem voar ou flutuar no ar enquanto transmitem imagens ao vivo para um operador no chão, e podem operar durante o dia ou à noite. Veículos aéreos não tripulados, *UAVs* na sigla inglesa, podem ser utilizados para muitas e diferentes atividades tais como a procura de

sua segurança: pessoas que irão crescer numa espécie de campo de concentração informacional e virtual, incapazes de perceber o que significa o conceito de liberdade!

Os *voyers*, no universo do *synopticon*, têm acesso a uma imensa quantidade de informação superficial sobre os seus ídolos – a maioria das quais é previamente fabricada, como espécies de avatares ou “máscaras virtuais” – uma vez mais revelando a literatura como conteúdo do novo meio.

Uma curiosa sublimação desse fenômeno foram os programas televisivos de *reality show* conhecidos como *Big Brother*, espalhados por todo o mundo. Nele, um grupo de desconhecidos é observado obsessivamente, como se fossem famosos astros do cinema. Entram no processo como simples desconhecidos, as pessoas os observam sabedores de que, de alguma forma, são simulacros de atores e atrizes, entretanto em cenas da vida real – que também é falsa. Curiosamente,

em diversos casos, acabam por se transformar em estrelas – mas, sem qualquer função, sem qualquer percurso ou história para além de terem sido vistos indiscretamente por milhões de outras pessoas.

O que ocorre com o surgimento de um *omnipticon* é não apenas a incorporação de um processo de *panopticon* – através dos múltiplos sistemas de espionagem sobre pessoas em geral – e de um fenómeno de *synopticon*, com um *voyerismo* generalizado responsável, por exemplo, por boa parte do *design* dos programas de televisão, do jornalismo em geral e do mundo político, mas o cruzamento intensivo de *voyerismo*, controle e narcisismo entre massas de pessoas auto proclamadas *comuns*.

Milhões de *web-cams* foram sendo instaladas nos mais diversos países, transmitindo em tempo real as mais íntimas imagens do mais variado tipo de pessoas.

Subitamente, muito do que antes poderia ser alvo de espionagem passou repentinamente a ser oferecido generosamente por milhões de pessoas para quem o sigilo e a intimidade são elementos irrelevantes.

Por outro lado, a comercialização de pequenas câmeras de vídeo e fotografia digital em alta definição a preços baixos, muitas vezes instaladas em telefones celulares, possibilitou a expansão de imagens de pessoas por todo o mundo, sem o seu consentimento e, em grande parte das vezes, sem o seu conhecimento prévio.

Graças a isso, surgiu um incontável, por vezes contraditório, elenco burocrático de leis auto proclamadas defensoras dos direitos de imagem.

Tudo passou da esfera do observador e da arte, para a das leis e da repressão. Muitas das fotografias do genial Henri Cartier-Bresson não teriam sido possíveis num contexto de tão intenso rigor burocrático de normas e proibições.

Em 2003 foram vendidas cerca de cinquenta milhões de câmeras fotográficas digitais em todo o mundo. No ano seguinte foram comercializados mais de cento e cinquenta milhões de telefones celulares com câmeras de vídeo e de fotografia incorporadas. Em Julho de 2008 a *Sony* celebrava o recorde de cem milhões de câmeras vendidas desde o início da sua comercialização. Dois meses mais tarde a *Canon* batia o mesmo recorde. Naquele ano, em todo o mundo, terão sido comercializados mais de cento e cinquenta milhões de câmeras digitais.

Segundo a *Picture Business Magazine* de maio de 2009, apenas nos primeiros quatro meses daquele ano teriam sido comercializados em todo o mundo quase duzentos milhões de telefones celulares, dos quais cerca de 90% traziam incorporadas câmeras de vídeo e de fotografia.

Ainda em 2009, cerca de metade das mais de cento e dez milhões de famílias possuíam

câmeras acopladas aos seus telefones celulares e que tiravam uma fotografia por dia, em média – o que significa mais de um bilhão e quinhentos milhões de fotografias a cada mês.

Em 2007, Daniel J. Solove, professor de direito na George Washington University Law School, lançava o livro *The Future of Reputation*. O livro começa com o relato de um mundialmente famoso caso que aconteceu no metropolitano em Seul, na Coréia do Sul, em 2005. Nele, uma jovem mulher trazia um cachorro, que defecou no vagão. Os passageiros mais próximos pediram para que ela limpasse. Ela se recusou dizendo, simplesmente, que não era assunto deles. Alguém fotografou a cena, utilizando um telefone celular. A imagem foi rapidamente colocada num popular blog.

Don Park contava o resultado daquele incidente: «Em poucas horas, ela passou a ser conhecida como *gae-ttong-nyue* – garota da merda do cachorro – e as fotografias dela e brincadeiras estavam em todo o lado. Em poucos

dias, a sua identidade e o seu passado foram revelados. Pedidos por informação sobre os seus pais e parentes começaram a surgir de todo o lado e as pessoas passaram a reconhecê-la através do cachorro e da bolsa que ela carregava, assim como através do seu relógio de pulso, claramente visível na fotografia original. Todas as referências sobre invasão de privacidade foram deixadas de lado... A desculpa comum para o comportamento das pessoas foi a de que a garota não merecia privacidade».

Aqui, o direito é imediatamente transportado para o julgamento público – e, é importante nunca esquecer, que as grandes tragédias da humanidade foram sempre feitas em nome de grandes maiorias.

Howard Reingold afirmaria que «o lado sombrio do poder que emerge com um bilhão e quinhentas mil pessoas *online* é o aspecto da vigilância... Estamos acostumados a nos preocupar sobre o *big brother* – o Estado – mas,

agora, naturalmente são os nossos vizinhos, ou as pessoas no metrô».

Um dos possíveis cenários como resultado da expansão das imagens captadas por milhares de milhões de pessoas em todo o mundo será a radical transformação do direito Napoleônico, que designava os princípios jurídicos em diversos países, principalmente de natureza latina, estabelecendo um ambiente de instável e volátil jurisprudência.

Quando o julgamento é público, a jurisprudência se torna volátil. Paradoxalmente, quando isso acontece, a reação à mudança é crescente. Os julgamentos em praça pública, em toda a história, sempre foram os mais reacionários – Sócrates é um bom exemplo.

O nosso conceito de privacidade, assim como os relativos aos direitos de autor, suportam-se na lógica do *terceiro excluído*, que é um princípio fundamentalmente Aristotélico. Ainda assim, são departamentos relativos a ambientes precisos. Eu

Em junho de 2009, a *Photobucket*, considerado o mais importante *site* dedicado exclusivamente ao gratuito armazenamento e distribuição de imagens digitais, com grande impacto especialmente junto a utilizadores de câmeras em telefones celulares, fundado em 2003 por Alex Welch e Darren Crystal da *Fox Interactive Media*, anunciava ter cerca de cinquenta milhões de visitantes por mês em todo o mundo, tendo cerca de oito bilhões de imagens em arquivo com um crescimento de cerca de mil novas imagens a cada quinze segundos.

Na estrutura principal desse fenômeno estão as chamadas *social networks*.

Em 2009, o *Facebook* – criado cinco anos antes por Mark Zuckerberg, então um estudante na Harvard – anunciava na sua primeira página aquilo que era o seu objetivo central: «Dar às pessoas o poder de partilhar e tornar o mundo mais aberto e conectado». Através do *Facebook*, informação

networks para cães – a *Dogster* – e para gatos – *Catster*!

Em junho de 2009, a revista *Time* – que era conhecida por reservar as suas capas a grandes personalidades mundiais – dedicou uma edição ao fenômeno *Twitter*, num momento em que o mundo ainda sofria vigorosamente a crise econômica que parecia anunciar uma mutação ao nível planetário.

O *Twitter* permite somente curtas mensagens de até cento e quarenta caracteres, mas possui uma dinâmica de comunicação inversamente proporcional ao seu desenho informacional sintético – parecendo confirmar a máxima segundo a qual quanto menor a informação melhor a comunicação.

Steven Johnson descrevia, então, um caso que ilustra não apenas o sucesso do *Twitter*, como também como funciona uma sociedade *omnióptica*: «No começo deste ano eu participei

numa conferência que durou um dia inteiro, em Manhattan, e que foi dedicada à educação... sobre o futuro das escolas. Vinte anos atrás, as idéias trocadas naquela conversa estariam confinadas às mentes dos participantes. Dez anos atrás, uma transcrição poderia ser publicada na web, semanas ou meses mais tarde. Cinco anos atrás, um punhado de participantes teria feito um blog sobre as suas experiências em relação ao fato. Mas, este evento estava acontecendo em 2009, assim tudo acontecendo em tempo real, a conversação do mundo real foi igualmente uma conversação no *Twitter*. No início da conferência, os nossos anfitriões anunciaram que qualquer um que desejasse colocar um comentário ao vivo sobre o evento via Twitter deveria incluir a palavra *#hackedu* nos seus cento e quarenta caracteres. Na sala, uma grande tela mostrava as mensagens. (...) No início, todas essas mensagens vinham de dentro da sala e eram exclusivamente criadas pelos participantes da conferência através dos seus *lap tops* ou dos seus *BlackBerrys*. Mas, em cerca de meia hora, as palavras começaram a

A experiência que Steven Johnson viveu durante a conferência sobre o futuro da escola, em Manhattan, passou a ser uma realidade concreta planetária para um número cada vez maior de pessoas que intencionalmente distribui livremente informações pessoais, tal como a escolha de um prato num restaurante ou a simples experiência ao caminhar pelas ruas de uma cidade, tudo feito em tempo real.

O que uma pessoa está vestindo naquele momento? Como ela está se sentindo? O que ela está olhando?

Num certo sentido, as informações passam a funcionar como acontece no universo acústico, onde não há barreiras, ou seja: poder em baixa intensidade distribuído em largo espectro.

No início dos anos 1990, o início da popularização dos identificadores de chamadas telefônicas – que permitem a quem recebe um

telefonema saber qual é o número que o está chamando – provocou uma grande reação negativa por parte das populações. As pessoas consideravam uma intrusão no seu universo de privacidade.

Gradualmente, e principalmente após a massificação do uso de telefones portáteis, aqueles identificadores se tornaram lugar comum e os protestos simplesmente desapareceram.

Com o conhecimento daquele simples número, uma gigantesca quantidade de informação passou a ser rapidamente acessível. Como explicava Marc Rotenberg, professor de direito e diretor executivo do *Electronic Privacy Information Center*, os identificadores de chamadas são um meio de obter informação pessoal sem prévio consentimento ou conhecimento.

Numerosas empresas de *marketing*, dedicadas à venda dos mais variados produtos, passaram a utilizar informações a partir das chamadas telefônicas para identificar novos nichos

de mercado.

Não somente as chamadas telefônicas, mas também os *cookies* instalados sem o consentimento da pessoa a ser espionada, informações através do uso de cartões de crédito, cartões de clientes preferenciais, inscrições em clubes de ginástica, adesões a programas de descontos comerciais, assinaturas de revistas e praticamente tudo o que caracteriza o dia a dia de uma pessoa, tornou-se numa coleção de verdadeiros interrogatórios policiais, onde grandes quantidades de informação pessoal, poucos anos antes consideradas confidenciais, passaram a circular livremente, sendo analisadas não apenas por agentes da polícia fiscal, mas também por vendedores de todo o tipo de produto.

Tudo passou a ser controlado, um pouco por toda a parte, sem conhecimento da história pessoal, através de uma realidade fortemente *omnióptica*.

Assim, todo o discurso político no estabelecimento de novos instrumentos de vigilância é fundado nas idéias de que eles servirão para assegurar a democracia e os direitos individuais.